



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DE IMPERATRIZ
UNIDADE PROFESSOR JOSÉ BATISTA DE OLIVEIRA
CURSO DE PEDAGOGIA**

BRENDA DE OLIVEIRA SILVA

**TRAJETÓRIA DE UMA PEDAGOGA EM FORMAÇÃO A PARTIR DE PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS VIVENCIADAS NA ESCOLA**

Imperatriz
2025

BRENDA DE OLIVEIRA SILVA

**TRAJETÓRIA DE UMA PEDAGOGA EM FORMAÇÃO A PARTIR DE PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS VIVENCIADAS NA ESCOLA**

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia da
Universidade Federal do Maranhão, Centro de Ciências
de Imperatriz, para obtenção do grau de Licenciada em
Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Rita Maria Gonçalves de Oliveira

Imperatriz
2025

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Silva, Brenda de Oliveira.

Trajetória de uma pedagoga em formação a partir de práticas pedagógicas vivenciadas na escola / Brenda de Oliveira Silva. - 2025.

47 f.

Orientador(a): Rita Maria Gonçalves de Oliveira.
Monografia (Graduação) - Curso de Pedagogia,
Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, 2025.

1. Memorial de Formação. 2. Formação Docente. 3. Estágios Supervisionados. I. Oliveira, Rita Maria Gonçalves de. II. Título.

BRENDA DE OLIVEIRA SILVA

**TRAJETÓRIA DE UMA PEDAGOGA EM FORMAÇÃO A PARTIR DE PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS VIVENCIADAS NA ESCOLA**

Aprovada em: 13 / 03 / 2025

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dra Rita Maria Gonçalves de Oliveira (Orientadora)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA

Prof^a. Dra Francisca Melo Agapito (1^a Examinadora)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO-UFMA

Prof^a. Dra Herli de Sousa Carvalho (2^a Examinadora)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO-UFMA

Dedico à família, pelo amor e paciência, e a todos que acreditaram no meu potencial, mesmo quando eu duvidei de mim mesma. Para aqueles que me ensinaram que persistência e dedicação são as chaves para superar qualquer obstáculo. Este trabalho é uma prova disso.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, à Universidade Federal do Maranhão (UFMA), por proporcionar o ambiente acadêmico necessário para a realização deste trabalho. Às professoras e professores do curso de Pedagogia, que, com seu conhecimento e dedicação, contribuíram significativamente para minha formação docente, oferecendo subsídios teóricos e práticos que foram essenciais para a construção deste memorial de formação.

À minha orientadora, Prof.^a Dra Rita Maria Gonçalves de Oliveira, pela paciência, disponibilidade e significativa orientação durante todo o processo de elaboração deste trabalho. Suas correções e sugestões foram fundamentais para o aprimoramento desta pesquisa.

Aos meus colegas de curso, Andressa Grangeiro, Beatriz Gama, Eduardo Moura, Emanuel Bandeira, José Miguel, Matheus Cidreira e Nycole Nobre que compartilharam desafios, conquistas e aprendizados ao longo dessa jornada. A todos os educadores que, direta ou indiretamente, inspiraram este trabalho. Que este memorial possa refletir um pouco da riqueza da formação docente e contribuir para a reflexão sobre a prática pedagógica.

À minha família, em especial aos meus avós maternos Maria Alzira Medina e Francisco de Assis de Oliveira pelo apoio incondicional e incentivo constante, especialmente nos momentos de dúvidas e incertezas. Vocês foram meu porto seguro.

Por fim, quero fazer um agradecimento especial ao meu tio Ricardo da Silva Feitosa (In Memoriam), que, embora não esteja mais presente fisicamente, deixou um legado de sabedoria e inspiração que permanece vivo em minha memória e em meu coração. Ele estudava licenciatura em História e já lecionava aulas da disciplina no Ensino Superior. Foi uma figura fundamental em minha vida, e sua influência foi decisiva para que eu chegasse até aqui, graças aos seus conselhos que tanto me motivaram e me deixaram segura dessa escolha.

Ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra. O professor, assim, não morre jamais...
(Rubem Alves)

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), elaborado na modalidade de memorial de formação, aborda a minha trajetória formativa no âmbito escolar e acadêmico, especificamente no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão do Centro de Ciências de Imperatriz. Neste estudo, destaco inquietações, desafios e conquistas vivenciados durante a trajetória educacional, bem como o processo de construção da identidade docente, desenvolvida ao longo da graduação. O memorial parte da história escolar, os acontecimentos que culminaram no ingresso no ensino superior em 2018 por meio do Sistema de Seleção Unificada (SISU), e as experiências enquanto discente do curso de Pedagogia. Dentre essas vivências, destacam-se as aprendizagens e o amadurecimento obtidos por meio das disciplinas cursadas e dos conhecimentos construídos durante os estágios supervisionados obrigatórios e não obrigatórios, com ênfase na docência nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, além da atuação como auxiliar de sala em instituições privadas nessa mesma etapa. Tais experiências proporcionaram uma aproximação com realidades distintas entre os contextos público e privado, fomentando reflexões sobre os desafios inerentes à profissão docente. Para narrar essa trajetória, adotei o método de pesquisa autobiográfica, a partir de autores de referência: Passeggi (2006, 2008), Ferreira (1999), Pimenta e Lima (2010) por ser um instrumento que permite ao autor aprofundar sua compreensão dos processos de (auto)formação a partir da análise e reflexão de experiências em uma relação teoria e prática. O estudo tem como objetivo conhecer de que forma a elaboração do memorial pode auxiliar no desenvolvimento acadêmico e profissional. Para isso, me propus a compreender o dispositivo pedagógico do memorial de formação, refletir sobre a minha trajetória escolar e acadêmica a partir de memórias e experiências na docência dos Anos Iniciais desenvolvidas no estágio supervisionado o que reforça as contribuições dos estágios supervisionados para minha formação. Nessa abordagem metodológica, o biografado assume simultaneamente a função de autor e sujeito da investigação a partir de uma concepção em que o memorial transcende a mera narração de acontecimentos passados. Cada fase do meu percurso formativo foi determinante para a construção de uma identidade profissional mais sólida, evidenciando a relevância dos momentos de aprendizagem contínua. Por fim, o estágio desempenhou um momento essencial na minha formação enquanto pedagoga, contribuindo para a consolidação dos saberes teóricos adquiridos e para a ressignificação de práticas pedagógicas.

Palavras-chave: Memorial de formação. Formação docente. Estágios supervisionados.

ABSTRACT

This Course Conclusion Work (TCC), developed as a formation memoir, addresses my educational and academic trajectory, specifically within the Pedagogy program at the Center for Social Sciences, Health, and Technology of the Federal University of Maranhão (CCSST/UFMA). In this study, I highlight the concerns, challenges, and achievements experienced throughout my educational journey, as well as the process of constructing my teaching identity, developed during my undergraduate studies. The memoir traces my school history, the events that led to my admission to higher education in 2018 through the Unified Selection System (SISU), and my experiences as a Pedagogy student. Among these experiences, the learning and maturation gained through the courses taken and the knowledge built during mandatory and non-mandatory supervised internships stand out, with an emphasis on teaching in the Early Years of Elementary Education, as well as my role as a classroom assistant in private institutions at the same level. These experiences allowed me to engage with distinct realities between public and private contexts, fostering reflections on the challenges inherent to the teaching profession. To narrate this journey, I adopted the autobiographical research method, drawing on key authors: Passeggi (2006, 2008), Ferreiro (1999), Pimenta and Lima (2010), as it is an instrument that allows the author to deepen their understanding of (self)formation processes through the analysis and reflection on experiences within the relationship between theory and practice. The study aims to understand how the development of a memorial can assist in academic and professional development. To achieve this, I sought to comprehend the pedagogical device of the formation memorial, reflecting on my educational and academic trajectory through memories and experiences in teaching the Early Years, developed during supervised internships, which emphasize the contributions of internships to my formation. In this methodological approach, the biographe assumes the dual role of author and subject of the investigation based on a conception where the memorial transcends mere narration of past events. Each phase of my formative journey was crucial in building a more solid professional identity, highlighting the importance of continuous learning moments. Finally, the internship played an essential role in my training as a pedagogue, contributing to the consolidation of theoretical knowledge acquired and to the re-signification of pedagogical practices.

Keywords: Formation memoir. Teacher training. Supervised internships.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPED: Centro Acadêmico de Pedagogia

CONSEPE: Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão

ENEM: Exame Nacional do Ensino Médio

ERE: Ensino Remoto Emergencial

LDBEN: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

NEE: Necessidades Educacionais Especiais

SISU: Sistema de Seleção Unificada

TCC: Trabalho de Conclusão de Curso

TDA: Transtorno do Déficit de Atenção (termo menos comum, geralmente associado ao TDAH)

TDAH: Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade

TEA: Transtorno do Espectro Autista

UFMA: Universidade Federal do Maranhão

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1 O MEMORIAL DE FORMAÇÃO: um dispositivo pedagógico	16
2 PROCESSO DE FORMAÇÃO E PERCEPÇÕES: minha trajetória acadêmica no curso de Pedagogia da UFMA.....	22
3 ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS NA FORMAÇÃO DOCENTE	28
3.1 Estágio Curricular Supervisionado em Anos Iniciais: Fundamentos teóricos e contribuições para a prática pedagógica	28
3.2 Relato de Experiência no Estágio Supervisionado nos Anos Iniciais: Uma Vivência Pessoal na Prática Educativa	32
3.3 Experiência em Educação Inclusiva: A atuação como Estágio.....	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS	44

INTRODUÇÃO

O presente trabalho de Conclusão de Curso (TCC) constitui-se em um marco importante de minha formação no curso de Pedagogia e foi escrito no formato de um memorial. Assim, eu¹ revisito fatos relevantes de minha trajetória pessoal e escolar com ênfase nas experiências vivenciadas no Curso de Pedagogia, sendo as mesmas ressignificadas a partir do conhecimento que construí ao longo do Curso. Vale ressaltar que o projeto pessoal e o profissional estão imbricados em minha formação acadêmica.

Escrever um memorial é buscar analisar criticamente as práticas pedagógicas, teorias e conceitos estudados durante o período de formação, relacionando-os com a realidade vivenciada. Desta forma, esta escrita pode ser compreendida como um gênero de texto literário narrativo em forma de biografia que consiste na percepção social do indivíduo sobre si mesmo e a ressignificação de suas experiências formativas. Como anuncia Bernardes (2021, p. 9):

O termo memorial nos remete a memórias, lembranças de pessoas, fatos e acontecimentos marcantes. Mais do que revisitar nossos arquivos mnemônicos, a desafiante tarefa de produzir um memorial nos possibilita retomar, reviver e refletir sobre nossa constituição identitária.

Nesta perspectiva, decidir pela escrita do memorial se justifica por dar visibilidade ao meu desenvolvimento pessoal e profissional como uma pedagoga em formação tendo em vista a importância das experiências vivenciadas em meu percurso acadêmico e suas contribuições para minha atuação como pedagoga.

Neste sentido, o memorial me oportuniza revisitar momentos que foram significativos em minha formação, experiências vivenciadas e, a luz de um embasamento teórico, refletir sobre os desafios enfrentados, mediações e aprendizagens ao longo de minha trajetória formativa. Passeggi (2011, p.148), enfatiza que:

A cada nova versão da história, a experiência é ressignificada, razão estimulante para a pesquisa educacional, pois nos conduz a buscar as relações entre viver e narrar, ação e reflexão, narrativa, linguagem, reflexividade autobiográfica e consciência histórica.

¹ Por ser um memorial de formação a escrita, ora está na primeira pessoa do singular ou do plural.

Portanto, entendo que fazer um relato de nossa própria vida, oportuniza rememorar fatos relevantes que marcaram nossa história. Neste sentido, o texto é resultado da reflexão sobre a ação daquele que narra, seja como autor do texto ou como sujeito da lembrança.

Nesse sentido, este memorial justifica-se por ser um trabalho, cuja origem parte de minhas experiências pedagógicas durante a formação acadêmica no curso de Pedagogia. Vale ressaltar, o período que fui auxiliar de sala de aula em séries dos anos iniciais de duas escolas privadas e os estágios supervisionados obrigatórios de gestão escolar², docência na Educação infantil e nos Anos iniciais em três escolas públicas durante a graduação. Experiências, que me possibilitaram uma aproximação com realidades bem distintas envolvendo os estágios como também a educação pública e a privada, o que me despertou a refletir sobre alguns desafios de minha formação.

Os trabalhos que desenvolvi englobaram o acompanhamento das crianças na realização das atividades, adaptação de materiais didáticos para as crianças que possuem deficiência, contribuir na comunicação entre alunos e professores, até saber lidar com questões voltadas às frustrações manifestadas pelas crianças em algumas circunstâncias. Estas vivências tão significativas em minha trajetória pessoal e acadêmica, levaram-me a refletir sobre a organização pedagógica do trabalho docente para atender as especificidades das diferentes fases do desenvolvimento dos alunos. Experiências que, me motivaram à intenção de ao finalizar a graduação dar continuidade aos estudos voltados às pessoas que possuem deficiência.

Desta forma, pude perceber a dimensão dos desafios enfrentados pelos professores, o que reforça a necessidade de uma formação de qualidade, mesmo consciente que nem todos os problemas são de responsabilidades do professor ou da escola. Estas vivências foram fundamentais para minha decisão pela escrita do memorial como possibilidade de refletir sobre minha formação em uma relação teoria e prática.

Vale ressaltar, a relevância do memorial como uma modalidade de pesquisa na educação e, em particular, a escrita do memorial como um instrumento de reflexão sobre minha formação acadêmica. Em vista disso, o objetivo geral deste trabalho é

² Gestão e organização de Sistemas Educacionais e unidades Escolares oferecida no VI período de Pedagogia.

analisar meu percurso acadêmico, principalmente a partir da experiência como docente no Estágio nos Anos Iniciais. A questão de pesquisa do presente trabalho é: Como a escrita do memorial pode contribuir para minha formação acadêmica e profissional? Para responder ao problema de pesquisa, elenco os seguintes objetivos: Conhecer o dispositivo pedagógico memorial de formação; Refletir a partir de memórias sobre a minha trajetória escolar e acadêmica; Analisar as contribuições dos estágios supervisionados para a minha formação como pedagoga.

A caracterização desta pesquisa é de abordagem autobiográfica e natureza qualitativa, pois escrever sobre a trajetória de vida é um exercício de autoconhecimento, como também possibilita reflexões e análises voltadas para a minha formação como pedagoga e a construção de minha identidade. O processo de elaboração de registros reflexivos como o memorial é visto como uma valiosa oportunidade para que, nós acadêmicos façamos escolhas conscientes e fundamentadas, que poderão ser ampliadas em nossa atuação seja no campo da gestão ou da docência. Para fundamentar a escrita deste memorial de formação utilizei de pesquisa bibliográfica a partir de autores de referência: Passeggi (2006, 2008) com uma reflexão sobre o processo de formação docente, destacando a importância da prática pedagógica e da reflexão crítica na construção da identidade profissional do educador, Ferreiro (1999) que discute o processo de aprendizagem da escrita e sua relação com o desenvolvimento cognitivo, Pimenta e Lima (2010) que pesquisam a relação entre teoria e prática no processo formativo, e a importância dos estágios supervisionados para a construção do saber pedagógico.

Dessa forma, o objetivo central da escrita do memorial formativo é incentivar a reflexão sobre as trajetórias de vida dos futuros educadores, possíveis relações ou não com sua escolha profissional, como também analisar seu processo formativo em uma relação teoria e prática. As pesquisas autobiográficas configuram-se como uma forma de pesquisa em que o indivíduo descreve fatos de sua própria vida com ênfase em suas experiências formativas. Esse tipo de pesquisa não apenas permite que o sujeito descubra mais sobre si mesmo, como também oferece aos outros uma visão rica e significativa de sua trajetória, identidade e formação.

Este trabalho está organizado contemplando a introdução, seguida de três capítulos e a seção de considerações finais. Na introdução, apresento conceitos de memorial, a relevância dessa modalidade de pesquisa, juntamente com a justificativa da temática, caracterização da pesquisa e objetivos geral e específicos. No primeiro

capítulo, intitulado “O memorial de formação: um dispositivo pedagógico” apresento a etimologia do termo memorial, sua utilização em diferentes áreas, até ser empregado no campo acadêmico em uma perspectiva histórica.

No segundo capítulo, discorro sobre minha trajetória acadêmica no Curso de Pedagogia da UFMA imbricada com minha história de vida e estudantil, destacando os pontos mais significativos das minhas vivências e aprendizagens percorridas ao longo dessa jornada. No terceiro capítulo, faço uma análise sobre as contribuições e importância da prática docente no Ensino Superior através do Estágio Curricular Supervisionado para a formação do pedagogo.

Por fim, as considerações finais, momento em que apresento os resultados obtidos e reflexões, através do processo de escrita deste memorial formativo, reafirmando a relevância do estudo ressaltando as contribuições do tema abordado, dificuldades e aprendizagens que se realizaram durante minha formação acadêmica.

1 O MEMORIAL DE FORMAÇÃO: um dispositivo pedagógico

O termo memorial origina-se do século XIV e vem do latim tardo *memoriale*, que significa “aquilo que faz lembrar” (Cordeiro e Souza, 2010). Segundo Passeggi (2010), ele é utilizado em várias áreas do conhecimento: na arquitetura em referência a um monumento, na contabilidade que se refere a um livro de anotações, no direito em forma de relatório, em literatura ou história a fatos ou relatos concernentes a indivíduos memoráveis.

Passeggi destaca que nos anos finais da década de 1970, as Universidades brasileiras iniciaram a demanda pelo memorial, sendo sua disseminação destacada em 1991 com a publicação do memorial acadêmico da professora Magda Soares, intitulado "Metamemória: memórias, travessia de uma educadora", escrito para um concurso de professor titular na Universidade Federal de Minas Gerais (2006, p. 67).

Ainda segundo a autora, o memorial tornou-se uma exigência frequente em concursos para universidades, institutos de pesquisa e órgãos governamentais em uma perspectiva da institucionalização do memorial como um instrumento pedagógico avaliativo. As narrativas acadêmicas também impulsionaram a proposta de tornar o memorial um gênero requisitado em trabalho de conclusão de curso (TCC), o que demonstra que as universidades historicamente têm aderido a esta escrita.

O gênero acadêmico autobiográfico é uma tradição consolidada desde a criação da primeira universidade (Universidade do Rio de Janeiro) sendo datada no ano de 1920, pelo Decreto nº 14.343. Normalmente elaborado ao longo da formação ou em atividades continuadas, sob a supervisão de um professor orientador, possibilita resgatar as memórias e experiências significativas do percurso acadêmico de sua trajetória formativa (Barbosa e Passeggi, 2008).

Ao longo de quase oitenta anos, esse gênero tem refletido o mundo cultural do ensino superior no Brasil, acompanhando a evolução da própria universidade e adaptando-se às mudanças sócio-históricas do contexto em que está inserida. A produção de memoriais acadêmicos pode ser vista como um testemunho das diferentes fases de nossa sociedade, mas revelam as tensões e desafios enfrentados pelo ensino superior no país, sendo uma importante ferramenta de reflexão sobre a responsabilidade da universidade na formação de cidadãos e na construção do conhecimento.

As autoras Barbosa e Passeggi (2008) ainda destacam que o memorial passou por quatro fases importantes ao longo de sua trajetória na educação e na formação de educadores no Brasil. Inicialmente, nos anos 1930, foi institucionalizado como um instrumento de avaliação para a seleção de professores catedráticos. Nos anos 1980, com a redemocratização, expandiu-se, tornando-se uma ferramenta de (auto)avaliação nos processos de ingresso e ascensão no magistério superior. A partir dos anos 1990, diversificou-se, sendo incorporado à formação de professores, especialmente como trabalho de conclusão de curso. Por fim, nos anos 2000, o uso do memorial se intensificou, consolidando-se como um objeto de pesquisa, marcando a "viragem (auto)biográfica" na educação.

A crescente utilização do memorial no contexto educacional reflete uma mudança no entendimento da formação de educadores, priorizando a reflexão crítica e a experiência individual. Essa transformação também está relacionada a um processo de valorização do percurso pessoal dentro do ambiente acadêmico, permitindo que os professores se tornem mais conscientes de sua própria trajetória e de como suas vivências influenciam sua prática pedagógica. A viragem (auto)biográfica, mencionada pelas autoras, representa uma tentativa de integrar a subjetividade e a experiência pessoal ao processo de ensino-aprendizagem, reforçando a ideia de que o desenvolvimento do futuro educador não é apenas técnico, mas uma jornada de autoconhecimento e adaptação às mudanças sociais e educacionais.

Neste sentido, o memorial pode ser utilizado em duas perspectivas, sendo a primeira institucionalizada pelas universidades como um instrumento avaliativo. Na segunda concepção, o memorial representa um instrumento formativo a partir de um relato autobiográfico através das memórias e experiências vividas. Ao integrar essas perspectivas, o memorial contribui para o crescimento profissional do educador e para a transformação das práticas educacionais (Josso, 2002).

O relato autobiográfico fortalece a conexão entre conhecimento acadêmico e experiências pessoais, favorecendo uma formação mais crítica e consciente. A reflexão sobre vivências, ao ser inserida no contexto educacional, permite ao educador ajustar suas abordagens pedagógicas e atender de forma mais eficaz às necessidades dos alunos, alinhando-se às mudanças sociais e educacionais. Dessa forma, o memorial se insere em um processo contínuo de formação, que acompanha

o educador ao longo de sua carreira, promovendo a evolução constante da prática pedagógica e o aprimoramento do ensino no Brasil.

A elaboração de um memorial de formação configura-se como um processo de natureza pessoal e reflexiva, no qual a experiência do professor assume uma posição central. As vivências ao longo da trajetória acadêmica e profissional fornecem um contexto rico em aprendizagens, desafios e conquistas, os quais estão intrinsecamente relacionados à prática pedagógica.

Considerar tais experiências na construção do memorial é fundamental, pois possibilita ao educador não apenas o registro de eventos significativos de sua formação, mas também a reflexão acerca da maneira como esses momentos impactaram suas escolhas pedagógicas e suas interações com os alunos, assim como sua abordagem do processo de ensino-aprendizagem.

Ao falar do seu entendimento acerca da experiência, Larrosa (2002, p. 21) afirma:

Experiência é aquilo que nos passa, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao passar-nos nos forma e nos transforma [...] esse é o saber da experiência: o que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que lhe vai acontecendo ao longo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece. No saber da experiência não se trata da verdade do que são as coisas, mas do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece [...] por isso ninguém pode aprender da experiência do outro a menos que essa experiência seja de algum modo revivida e tornada própria.

Essa conceituação sobre a experiência ressalta a importância de distinguir entre meros acontecimentos de nossa vida e aquilo que realmente nos afeta e nos marca profundamente. Assim, não se trata apenas do que acontece em nossas vidas, mas do que verdadeiramente nos toca e nos transforma. São esses momentos de impacto que podem moldar nosso ser e influenciar nosso desenvolvimento.

Nesse sentido, conforme destacado por Moura (2019, p. 14), “a experiência não se assemelha com experimento, tampouco contém algum tipo de dogmatismo ou autoridade, não se resume ao fazer prático nem mesmo a um imperativo, não possui um conceito petrificado e universal”. Ela é algo subjetivo, fluido e pessoal, que não pode ser reduzido a fórmulas ou generalizações.

Dando continuidade, a discussão sobre a experiência torna-se ainda mais relevante quando consideramos a contribuição transformadora que ela exerce em nossas vidas. Nesse contexto, o memorial de formação representa um espaço de ressignificação, onde as narrativas pessoais não apenas recontam eventos, porém

oferecem uma visão mais profunda sobre os aprendizados que emergem de situações cotidianas. Assim, ao compartilhar nossas vivências, não estamos apenas fazendo um exercício de lembrança; estamos também convidando os outros a refletirem sobre suas próprias jornadas, ampliando a compreensão coletiva de identidade e pertencimento.

Prado e Soligo (2007) explicitam que a palavra narrar tem origem do verbo latino *narrare*, que significa apresentar, descrever ou contar. Ela está relacionada ao que os gregos antigos chamavam de *épikos* – um poema extenso que narra uma história e é destinado a ser recitado. Portanto, possui essa característica essencial: pressupõe a presença de outro. A história deve ser contada ou lida: esse é seu propósito. Tratando de eventos comuns e extraordinários, até mesmo carregados de mistérios, que são gradualmente revelados ou transformados no ato da escuta ou da leitura.

Como destacam Prado e Soligo (2005, p. 7), "é acima de tudo uma forma de narrar nossa história por escrito para preservá-la do esquecimento. É o lugar de contar uma história nunca contada até então – a da experiência vivida por cada um de nós". Essa reflexão ressalta a importância da narrativa autobiográfica como uma ferramenta para compreender nossa própria identidade ao longo do tempo. Ao registrar e refletir sobre nossas experiências, conseguimos não apenas preservar nossa trajetória, mas entender as influências que moldaram nosso pensamento, valores e práticas.

Os autores citados anteriormente, também nos afirmam que a narrativa compreende dois elementos fundamentais: uma sequência de eventos e uma valorização implícita desses eventos descritos. O que é especialmente intrigante são as várias maneiras pelas quais as partes se conectam com o todo. Os acontecimentos relatados adquirem seu significado a partir do contexto geral. No entanto, o todo contado é algo que se constrói com base nas partes selecionadas. Essa relação entre a história contada e o que ela revela provoca interpretações, e não explicações, não é o que explica, mas o que se pode interpretar a partir dela.

Rememorar a própria vida, ou autobiografia, nos leva à memória para entender as experiências que moldaram nossa identidade, adotando uma postura de autoformação. Com base nessa visão de formação, é viável reconstituir as experiências, refletir sobre os métodos formativos e criar um espaço para desenvolver uma epistemologia docente pessoal.

Nesse sentido, as lembranças são submetidas à análise pelo autor do memorial de formação, visando alcançar um entendimento mais profundo dos acontecimentos. Essa reflexão não apenas resgata as experiências vividas ao longo da trajetória formativa, entretanto as ressignifica, permitindo uma compreensão mais abrangente de sua influência em nosso desenvolvimento pessoal e profissional. Assim, o memorial é uma ferramenta poderosa para registrar um processo, um percurso, uma travessia.

O memorial oferece ao autor a oportunidade de revisar e reconstruir sua trajetória profissional, evidenciando as teorias metodológicas que abordam sua formação e os caminhos que o levaram à docência. Ele funciona como um meio pelo qual cada autor pode ajustar constantemente suas teorias e práticas. Embora essa prática seja menos comum em outras áreas do conhecimento, o memorial desempenha uma compreensão fundamental no processo de autoavaliação e aprimoramento contínuo do educador.

Prado e Soligo (2005) destacam que em cursos universitários voltados para a formação de profissionais em atividade e em programas extensivos de formação continuada, a prática de relatar por escrito experiências e reflexões ganha destaque. Esses contextos oferecem oportunidades relevantes para integrar teoria e prática, e para a criação de conhecimento pedagógico.

Sob essa perspectiva, o reconhecimento do registro escrito das experiências e reflexões é positivo. Ele não apenas serve como um exercício essencial para a produção textual, mas facilita a disseminação desse conhecimento entre outros educadores. A documentação escrita permite uma análise mais profunda das práticas educacionais e promove a troca de ideias e experiências, contribuindo para o desenvolvimento individual e coletivo como também o aprimoramento contínuo na área da educação.

Ao revisitar momentos significativos, tenho a oportunidade de reconhecer não apenas os desafios enfrentados, mas as conquistas e os aprendizados que surgiram ao longo de minha trajetória formativa. Dessa forma, o memorial não é apenas um registro do passado, mas um meio de dar sentido ao presente e orientar o futuro, fortalecendo a identidade e o propósito da minha jornada pessoal e profissional.

Por fim, cada uma dessas experiências, seja de uma conquista ou um desafio, trouxe consigo lições valiosas que contribuíram para a minha visão de mundo e uma prática pedagógica em construção. Ao compartilhar essas histórias, não busco apenas

registrar o que vivi, mas refletir como essas vivências impactaram meu percurso formativo, reconhecer minhas habilidades e compreender os valores que guiam minhas escolhas. Assim, cada relato se torna uma oportunidade de aprendizado e crescimento pessoal como também pode inspirar outras pessoas.

2 PROCESSO DE FORMAÇÃO E PERCEPÇÕES: minha trajetória acadêmica no curso de Pedagogia da UFMA

A escolha da Licenciatura em Pedagogia está diretamente ligada a minha trajetória pessoal e escolar. Este percurso, iniciou em 2002 com o meu ingresso na Educação Infantil na Escola Aquarela aos três anos de idade, onde tive o meu primeiro contato com a escola e convivência com demais crianças. A escolinha era particular e ficava localizada no bairro que eu residia, atendendo somente a modalidade da educação infantil.

Ao contrário da maioria das crianças, não apresentei resistência em frequentar a escolinha e ampliar minha convivência, para além do ambiente familiar. Deste tempo de minha infância eu guardo boas recordações tanto da escola como das brincadeiras com as outras crianças. Eu me lembro que mesmo antes de ir para a escola, papéis, lápis de cor me mantinham concentrada em atividades muito conhecidas como rabiscar, e surgiam traços variados como registro de minha escrita, sem muita forma no início, mas significativas para mim. Segundo Piaget (1973, p. 76, apud Silva, Santos, Jesus, 2016, p.4), o desenvolvimento infantil envolve a formação gradual de diferentes capacidades, que se dá por meio de uma interação constante entre a criança e o ambiente ao seu redor. Os autores ainda complementam que:

O sujeito é um ser ativo que estabelece relações de troca com o conhecimento, num sistema de relações vivenciadas e significativas, uma vez que este é resultado de ações do indivíduo sobre o meio físico e social em que vive adquirindo significações ao ser humano quando o conhecimento é inserido em uma estrutura – isto é a assimilação. (Silva, Santos, Jesus, 2016, p.4).

As atividades que compunham a rotina da escola como pinturas, momentos de musicalização e contação de histórias, brincadeiras, possibilitavam o desenvolvimento de minha coordenação motora grossa e fina de forma gradativa com meu desenvolvimento. A seguir exponho uma foto de minha infância ao lado de uma atividade de pintura e colagem. A 1ª fotografia foi tirada na escolinha Aquarela, onde desenvolvi essas atividades. Na 2ª fotografia, a atividade representa o oceano (pintado de azul), colagem de areia (representando a praia) e colagem de algodão (representando as nuvens), e ambas as fotografias são datadas no ano de 2003.

Fotografia da infância e atividade de colagem.



Fonte: arquivo pessoal.

Desta forma, Piaget (1973) defende que o conhecimento é construído pelas crianças a partir de atividades lúdicas, especialmente durante os estágios sensório-motor e pré-operatório. Nesse processo, as crianças desenvolvem sua compreensão do mundo por meio de ações e experiências concretas com os objetos, além de interações com outras pessoas e o ambiente.

Contudo, o universo da escola não está desvinculado de um contexto econômico e social o que também é importante para compreender a minha história. Assim, resgato de minhas memórias fatos que considero importantes, enquanto outros podem ter desaparecido pelo efeito do próprio tempo.

Minha mãe Gessilene Medina e meu pai Cleudimar Ferreira, são divorciados e não chegamos a conviver como família em uma mesma casa. Eu, recém nascida, e minha mãe, fomos para a casa de minha avó e lá convivemos todas juntas até ela receber uma proposta de emprego no Amapá, onde vive até os dias atuais. Logo, desde os cinco anos de idade fui criada e educada por meus avós maternos, Maria Alzira e Francisco de Assis. Algo muito positivo para minha formação pessoal, porque ter o privilégio de morar com eles é uma das melhores coisas que já me aconteceram, por adquirir os conhecimentos e vivências de pessoas mais experientes e maduras

que agregam bastante em meu desenvolvimento. Assim eu fui educada a ser independente e me esforçar pelas coisas que desejo e almejo conquistar.

Praticamente não tive auxílios em casa com as atividades escolares desde a minha infância, em consequência dos meus avós não serem alfabetizados e por minha mãe não ter tempo de me auxiliar por conta do trabalho. Desta forma, frequentar a educação infantil se tornava ainda mais importante para o meu desenvolvimento. Então, mesmo pequena eu tinha a prática de chegar em casa e imediatamente abrir a bolsa, pegar meus cadernos e materiais para fazer tudo sozinha, o que se tornou uma responsabilidade que se prolongou por todo o meu processo de escolarização.

Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1999) realizaram uma pesquisa crítica à abordagem pedagógica que coloca o educador como a única fonte de aprendizado, ignorando o envolvimento ativo do aluno na construção do seu próprio conhecimento. As autoras destacam que, ao adotar esse modelo, torna-se difícil reconhecer o aluno como um agente construtor de saberes. Nesse sentido, sua proposta teórica se apoia no construtivismo, uma corrente que busca entender o desenvolvimento da inteligência humana. O construtivismo sustenta que o processo cognitivo é influenciado pelas interações entre o indivíduo e seu ambiente, enfatizando que o conhecimento se constrói a partir dessa relação dinâmica.

Em um ambiente familiar que não tinha muitos livros, eu me lembro bem de um livro capa dura que, ainda o guardo na minha casa, pertenceu à minha mãe, eu passava horas olhando as imagens que o ilustravam, incluía diversas matérias de humanas e exatas, era um pouco antigo e desatualizado. Observo os “rabiscos” de minhas primeiras escritas e as marcas de ter sido bem manuseado. Eu ainda o guardo, por isso existe também um valor afetivo.

No Curso de Pedagogia pude adquirir o conhecimento que na educação infantil, a leitura de imagens é crucial para o desenvolvimento das crianças, não apenas estimulando a imaginação, mas promovendo a compreensão do mundo ao redor. Pillar (1993), afirma que a leitura de uma imagem envolve compreendê-la, interpretá-la, descrevê-la, decompô-la e recompô-la, a fim de entender a imagem como um objeto a ser conhecido. Diferentemente de um texto, uma imagem permite múltiplas interpretações, pois seus elementos geram diversas relações e significados. Desta forma, por meio da leitura de imagens dos livros didáticos, eu realizava a maior parte das minhas atividades escolares sem o auxílio de meus familiares.

Os educadores têm a oportunidade de enriquecer a experiência visual das crianças ao oferecer uma variedade de imagens, desde ilustrações de livros, revistinhas e outros materiais acessíveis, até obras de arte. Oportunizar às crianças a análise e interpretação das imagens é essencial para desenvolver habilidades de leitura e escrita. Assim, a leitura de imagens na educação infantil não apenas amplia o repertório cultural das crianças, mas as prepara para serem leitoras competentes e críticas em um mundo cada vez mais visual.

Dando continuidade ao meu processo de escolarização cursei o ensino fundamental na Escola Municipal Luís de França Moreira, onde estudei por sete anos, e o Ensino Médio eu fiz no Centro de Ensino Dorgival Pinheiro de Sousa uma escola da rede estadual. No ensino médio é um período de decisão da escolha profissional para quem almeja fazer uma graduação. Infelizmente um caminho que não é percorrido por todos, principalmente quando se trata da realidade social de muitos alunos da educação pública. No primeiro momento eu pensei em escolher Comunicação Social.

Na escola, sempre gostei de apresentar trabalhos à frente da turma e em feiras científicas, de elaborar textos, resumos para provas, confeccionar cartazes, fazer pesquisas sobre assuntos novos e interessantes que não dependiam, apenas das minhas atividades escolares, e de sempre estar atenta ao que era novo ou ao que as pessoas normalmente não se interessavam sobre. Todo esse meu interesse surgiu também pelo incentivo de meus professores ao elogiarem a minha boa oratória e participação durante a realização das atividades em sala de aula. Assim, cada experiência que vivemos contribui de maneira significativa para o nosso processo de ensino e aprendizagem. Portanto,

A experiência é a atividade do sujeito que mantém consigo mesmo uma relação na qual ele se observa, se decifra e se arrisca, potencializando significativamente as possibilidades de transformação. Isto não significa que o sujeito é soberano de si mesmo; ao contrário, ele só se forma na interação com o outro e com o mundo (Zem, Carvalho e Sá, 2018, p. 87).

Dessa forma, ao refletir sobre nossa jornada educacional, devemos valorizar não apenas o conhecimento adquirido em sala de aula, mas também as experiências que moldaram nossa trajetória. Cada vivência, seja ela positiva ou negativa, contribui para a pessoa que nos tornamos e para o caminho que seguimos em direção ao crescimento pessoal e profissional.

Ao final do ensino médio, mesmo com o interesse inicial pela área de Comunicação Social, como antes havia dito, nasceu um novo projeto ao me encantar pela Pedagogia o que ia ao encontro de minha trajetória pessoal e escolar. Esta decisão também se tornou mais forte ao analisar as possibilidades que o curso poderia me oferecer a longo prazo como também prosseguir buscando outros graus de formação a nível de especializações ou mestrados disponíveis na própria cidade de Imperatriz.

Em janeiro de 2018, decidi pela inscrição na licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal do Maranhão - UFMA, campus Imperatriz, através do Sistema de Seleção Unificada - SISU utilizando minha nota do Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM. E, apesar de ter estudado por muitos anos em escolas públicas, optei por não fazer o uso de cotas, e consegui ingressar pela ampla concorrência.

No início da graduação em Pedagogia, as disciplinas do 1º período como a Sociologia e Filosofia, já me interessaram muito por remeter à algumas disciplinas do Ensino Médio, nas quais sempre tive um bom desempenho pela participação nos debates em sala de aula o que seria aprimorado ao longo do curso de Pedagogia, como também o meu pensamento crítico voltado à educação e a realidade social.



Fonte: arquivo pessoal.

Na fotografia acima, foi o momento em que ocorreu a recepção às turmas 2018.1 e 2018.2, organizada pelo Centro Acadêmico de Pedagogia Paulo Freire - CAPED. Nessa noite, interagimos melhor com os demais colegas do curso, nos

apresentamos, participamos de danças e brincadeiras, um momento de descontração que com certeza agregou muito em nossa socialização inicial como discentes.

No ano de 2019, realizamos o 3º e 4º período, momento em que os estudos deixaram de ser introdutórios e ficaram mais complexos, com mais quantidade de disciplinas. A quantidade de seminários e atividades avaliativas aumentaram, algumas aulas aos sábados também se tornaram necessárias, e assim como eu, grande parte da turma estava participando ativamente dos eventos que a universidade nos proporcionava, que além de muitos aprendizados e experiências, nos garantiam certificados de horas complementares.

Nesse mesmo ano, ingressei no Centro Acadêmico de Pedagogia (CAPED), assumindo a responsabilidade pela gestão das mídias sociais do curso, o que envolvia a cobertura e a divulgação de eventos, seminários e outras atividades acadêmicas de relevância. A participação no CAPED foi uma experiência de grande enriquecimento para minha trajetória universitária, pois possibilitou um contato mais estreito com os processos de planejamento e execução de eventos pedagógicos promovidos no Campus. Além disso, essa vivência proporcionou a oportunidade de interagir e compartilhar experiências com colegas de diferentes turmas e períodos, favorecendo uma troca enriquecedora de ideias e perspectivas. O envolvimento com o Centro Acadêmico também contribuiu para o desenvolvimento de habilidades de comunicação, organização e trabalho em equipe, competências essenciais no campo da pedagogia e em minha formação acadêmica de maneira geral.

3 ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS NA FORMAÇÃO DOCENTE

As contribuições do Estágio Supervisionado para minha formação são múltiplas e variadas, abrangendo desde a interação entre teoria e prática, as relações com os colegas e professores, o ambiente escolar e a construção da minha identidade como docente. Essas experiências me permitiram entender a atuação do educador por meio de uma análise reflexiva da prática pedagógica.

Dando sequência às minhas exposições, apresento a seguir algumas vivências e considerações desenvolvidas durante o Estágio Curricular Supervisionado, etapa que eu considero imprescindível para minha formação acadêmica. Contudo, iniciar os estágios era o que me gerava mais desafios em meu percurso acadêmico, até então, por representar uma aproximação com a realidade da instituição escolar.

Neste capítulo, realizo uma reflexão sobre minha participação diante dos desafios enfrentados antes e durante a realização da disciplina, destacando as contribuições da vivência na escola-campo para o meu desenvolvimento acadêmico.

3.1 Estágio Curricular Supervisionado em Anos Iniciais: Fundamentos teóricos e contribuições para a prática pedagógica

A responsabilidade atribuída à docência requer a consideração de que a formação de professores é um tema contínuo e inacabado, visto que tanto os formadores quanto os formandos devem ser compreendidos no contexto da pesquisa, a fim de evidenciar um processo formativo que se estende além da conclusão de um curso. Nesse contexto, a formação inicial para a docência precisa ser permeada e mediada por uma relação entre teoria e prática, sendo o Estágio Curricular Supervisionado um elemento essencial, que proporciona um aprendizado singular e formativo, essencial para a inserção na profissão docente.

Conforme estabelecido em documentos normativos, como a Resolução Nº 2, de 1º de julho de 2015, no Art. 10, define que:

a formação inicial como destinada àqueles que almejam exercer o magistério da educação básica em suas diversas etapas e modalidades, incluindo áreas em que sejam exigidos conhecimentos pedagógicos, integrando estudos teóricos e práticos, investigação e reflexão crítica, além de aproveitar a formação e as experiências prévias adquiridas em instituições de ensino (Brasil, 2015).

Desta forma, o estágio se constitui de uma importância fundamental para a construção sólida do conhecimento necessário para o exercício da docência, especialmente na educação básica, e vai além da simples transmissão de conteúdo. Ele envolve a aquisição de habilidades pedagógicas essenciais para o trabalho em sala de aula, sendo um momento que possibilita a articulação entre teoria e prática. O processo da formação inicial do professor exige uma reflexão aprofundada sobre a importância dessa etapa no desenvolvimento da identidade profissional do futuro docente.

De modo semelhante, a Resolução nº 1191-CONSEPE da UFMA estabelece que o estágio é um componente curricular essencial nos projetos pedagógicos dos cursos de graduação, visando à articulação entre teoria e prática no processo de formação profissional. Essa Resolução, alinhada à Lei nº 11.788 de 2008, reforça o direito do acadêmico ao estágio, destacando sua importância e contribuição para a formação profissional, ao garantir ao acadêmico (a) um ambiente que se alinhe às suas expectativas de atuação e que o prepare para a inserção no mercado de trabalho.

O Estágio Curricular apenas passou a ser normalizado por legislação federal em 1977, através da Lei nº 6494 que dispõe sobre os estágios de estudantes de estabelecimentos de ensino superior e de ensino profissional de 2º Grau e Supletivo, que assim, define em seu art. 1º, inciso 2º:

(...) os estágios devem propiciar a complementação do ensino e da aprendizagem a serem planejados, executados, acompanhados e avaliados em conformidade com os currículos, programas e calendários escolares, a fim de se constituírem em instrumentos de integração, em termos de treinamento prático, de aperfeiçoamento técnico cultural, científica e de relacionamento humano.

A legislação brasileira sobre estágios configura-se como um avanço significativo na promoção de uma educação que articula teoria e prática, favorecendo o desenvolvimento de competências essenciais para a inserção profissional do estudante. Conforme Pimenta e Lima (2010, p. 34), “também, com frequência, se ouve que o estágio tem de ser teórico-prático, ou seja, que a teoria é indissociável da prática”. Para as autoras, teoria e prática devem caminhar juntas, complementando-se mutuamente. Assim, o estagiário, em seu campo de atuação, consegue refletir

sobre suas vivências em sala de aula, na sociedade e em outros espaços que promovam o conhecimento.

As autoras também criticam o reducionismo dos estágios às perspectivas da prática instrumental, que tem como objetivo desenvolver algumas habilidades práticas, mas que não atendem a complexidade dos desafios que os futuros professores podem se deparar em sua atuação ou que possibilite ao professor refletir sobre sua própria prática, situações que requerem um conhecimento científico adquirido na formação inicial.

O reducionismo dos estágios às perspectivas da prática instrumental e do criticismo evidencia os desafios na formação profissional docente. A dissociação entre teoria e prática resulta em um empobrecimento das práticas educacionais, o que reforça a necessidade de explicar por que o estágio deve ser entendido como teoria e prática (e não teoria ou prática). (Pimenta e Lima, 2010, p. 41).

Dando continuidade à discussão, outro equívoco que a dissociação teoria e prática pode trazer como consequência, é a imitação de modelos. Embora a formação docente compreenda em sua essência a dimensão prática, e com frequência os(as) acadêmicos(as) podem recorrer aos saberes construídos por meio da observação de seus professores, cuja prática mais se identificam, ou mesmo recorrerem às suas próprias experiências, esta concepção apresenta seus limites por não atender a diversidade de necessidades dos alunos ou da escola.

Em um processo de ressignificação, ao vivenciar situações educacionais reais, o futuro docente é desafiado a questionar e adaptar os pressupostos teóricos que adquiriu em sua formação inicial, às necessidades específicas dos alunos e do ambiente escolar em uma relação de unidade entre teoria e prática ao contrário de sua dissociação. Para tanto, é necessário construir uma prática fundamentada nos conhecimentos teóricos, integrando ações e saberes em um currículo mais amplo e abrangente (Pimenta e Lima, 2010).

Neste sentido, o Estágio Supervisionado não deve ser compreendido, apenas como uma fase de aplicação dos conhecimentos obtidos ao longo da graduação. Ele se configura como um espaço de aprendizagem contínua, onde o licenciando não apenas utiliza os conhecimentos adquiridos, mas os questiona, ressignifica e aprimora. Destacamos também a contribuição de Tardif (2002) sobre a formação docente ao afirmar que a atuação do professor não é apenas transmitir

conhecimentos, é sobretudo possibilitar ao acadêmico do curso de licenciatura a tornar-se construtor de seu conhecimento buscando relacionar as informações novas com suas experiências e conhecimentos já adquiridos.

De forma mais ampla, segundo estudos voltados à formação do professor, se faz necessário um olhar à luz das teorias para a proposta curricular destes cursos, entre outros fatores, buscando compreender a relação entre teoria e prática. De acordo com Carvalho et al (2003, apud Scalabrin 2013), no projeto curricular de um curso de licenciatura, a prática como componente curricular e os estágios supervisionados devem ser vistos como momentos singulares de formação para o exercício de um futuro professor, o estágio ainda com mais ênfase, pois é no estágio que o acadêmico tem a possibilidade de ampliar sua compreensão da realidade educacional e do ensino tendo uma relação direta com os alunos e com a escola.

[...] é um processo de experiência prática, que aproxima o acadêmico da realidade de sua área de formação e o ajuda a compreender diversas teorias que conduzem ao exercício da sua profissão. É um elemento curricular essencial para o desenvolvimento dos alunos de graduação, sendo também, um lugar de aproximação verdadeira entre a universidade e a sociedade, permitindo uma integração à realidade social e assim também no processo de desenvolvimento do meio como um todo, além de ter a possibilidade de verificar na prática toda a teoria adquirida nos bancos escolares. (SCALABRIN; MOLINARI, 2013, p. 4)

Vale ressaltar a importância do estágio para a aproximação entre a universidade como instituição formadora e a escola futuro campo de atuação do docente. Nesta perspectiva, o estágio supervisionado é acompanhado pelo supervisor docente e constitui-se como um elemento curricular essencial para a formação do futuro professor, pois o oportuniza vivenciar a realidade da escola em uma relação teoria e prática, lidar com situações novas e às vezes não previstas, refletir sobre suas experiências.

Na continuidade das discussões, faço uma narrativa a partir de minhas vivências no Estágio Supervisionado nos Anos Iniciais, as tessituras sobre a oferta do estágio e o contexto de realização do mesmo. Nesse tópico irei discorrer sobre as suas contribuições e os desafios enfrentados.

3.2 Relato de Experiência no Estágio Supervisionado nos Anos Iniciais: Uma Vivência Pessoal na Prática Educativa

Durante meu processo de formação no Curso de Pedagogia da UFMA, os estágios obrigatórios foram momentos tardios em minha trajetória, fato que esteve associado a Covid-19. No início do ano de 2020 iniciei o 5º período do curso quando houve a interrupção das aulas e se iniciou o isolamento social. Nessa situação, surge o Ensino Remoto Emergencial (ERE), definido por Silva, Andrade e Brinatti (2020, p. 9) como:

uma mudança repentina de modelos instrucionais para alternativas em uma situação de crise. Nessas circunstâncias, faz-se uso de soluções de ensino totalmente remotas que, de outra forma, seria ministrado presencialmente ou como cursos híbridos e que retornarão a esse formato assim que a crise ou emergência tiver diminuído.

No decorrer dos dois primeiros anos de pandemia, os estágios foram ofertados de forma remota, porém, decidi por não os realizar neste formato e aguardei para vivenciar de forma presencial essa experiência no ambiente escolar, quando fosse possível. Em 2022 pude iniciar o primeiro estágio do curso que foi o Estágio em Gestão escolar, orientado pelo professor Vicente, visando proporcionar aos futuros profissionais da educação uma vivência prática nas funções administrativas e organizacionais das instituições de ensino, permitindo o desenvolvimento de competências na gestão de processos, recursos humanos e financeiros a partir da realidade vivenciada na escola. Nesta ocasião, eu estava iniciando o 9º período, momento em que as aulas tinham retornado presencialmente a pouco tempo.

Os estágios posteriores foram realizados nos dois semestres seguintes, Estágio em Docência na Educação Infantil, ministrado pelas professoras Karla Bianca e Tereza Bomfim que ofereceu aos estagiários a oportunidade de atuar diretamente no processo de ensino-aprendizagem, com foco no desenvolvimento integral das crianças, promovendo práticas pedagógicas adequadas à faixa etária e ao contexto educacional, sob a orientação do orientador, supervisor docente e das professoras da escola que respondem como supervisores técnicos. E por último, o Estágio em Docência nos Anos Iniciais no ano de 2023 ministrado pela professora Patrícia. Eu já possuía uma experiência de estágios não obrigatórios nos Anos Iniciais em escolas particulares, razão que contribuiu para a escolha de priorizar em minha pesquisa o

Estágio em Anos Iniciais. Desta forma, o estágio supervisionado obrigatório em Anos Iniciais foi a vivência que mais agregou e que ao mesmo tempo mais me desafiou no decorrer do percurso acadêmico.

O estágio supervisionado em Docência nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental foi realizado em uma escola municipal, localizada na Avenida Tapajós, nº 14-B, Bairro Santa Lúcia, no município de Imperatriz, Maranhão. A carga horária do estágio foi de 135 horas, distribuídas entre os meses de setembro e novembro de 2023. A instituição conta com uma infraestrutura composta por direção, secretaria, sala dos professores, banheiros masculino e feminino, cantina, pátio, área verde, cozinha, biblioteca, sala de recursos tecnológicos, quadra poliesportiva e estacionamento para motocicletas.

A escola passou por uma reforma significativa, sendo reinaugurada em fevereiro de 2019 pelo Secretário de Educação. Esta reestruturação física reflete, conforme apontado por Freire (2001), a importância de uma escola que se reinventa e se adapta às necessidades de seus alunos e comunidade, criando um ambiente acolhedor e estimulante para o aprendizado. O gestor destacou em entrevista à secretaria de educação que "desde 2009 não havia uma revitalização, e a comunidade recebeu com grande entusiasmo, considerando a reforma como a realização de um sonho, especialmente devido à climatização dos ambientes".

A reestruturação da pista de atletismo, a pintura da quadra poliesportiva e a construção de uma caixa de areia para a prática de salto em distância também foram realizadas. A escola é uma unidade de ensino fundamental de referência, sendo reconhecida como um complexo esportivo. No dia 13 de Dezembro de 2024, a escola foi campeã dos Jogos Escolares Imperatrizenses, conquistando 80 medalhas nesta competição, dentre elas, 23 pratas, 32 bronzes e 25 ouros.

Um ponto positivo é que a instituição também promove competições com diferentes finalidades como desenhos, soletração e jogos esportivos para os alunos como uma forma de incentivo a participação, valorização das habilidades individuais e o desenvolvimento de outras como o trabalho em equipe, onde as famílias podem se envolver em ver a participação dos filhos. Tais iniciativas refletem a visão de Piaget (1996), onde argumenta que o ensino deve transcender o ambiente da sala de aula, proporcionando experiências que ampliem o conhecimento e o desenvolvimento intelectual dos alunos de forma criativa.

Nesta perspectiva, em nossas primeiras aulas do estágio fomos orientados a nos inserirmos na realidade da escola e contribuirmos com as atividades em andamento, ao mesmo tempo que nos apropriaríamos do contexto para propormos novas atividades a partir das necessidades identificadas. O período de regência teve início na data 16 de outubro e se estendeu até 26 de outubro de 2023, na turma do 4º ano no turno matutino, composta por 32 alunos em média, com faixa etária entre 9 e 10 anos de idade, sob a supervisão da professora titular da sala de aula.

Durante o período de regência, observamos primeiramente quais metodologias eram utilizadas pela professora regente no decorrer das aulas, identifiquei que o tempo disponível para o desenvolvimento das atividades pedagógicas não estava sendo aproveitado de maneira eficaz. O plano de aula apresentado pela professora era resumido e tradicional, o que resultava em momentos de ociosidade por parte dos alunos. O foco das atividades parecia não estar bem definido e os conteúdos ou temas eram trabalhados de forma superficial. É fundamental que os planos de aula sejam bem elaborados e flexíveis levando em consideração a diversidade no desenvolvimento dos alunos e seis diferentes ritmos como também os imprevistos que podem surgir, o que requer do professor um plano de aula que possibilite as adaptações necessárias sem improvisos.

Ao planejar uma aula, é essencial considerar que o tempo disponível é limitado e que o tema dificilmente será abordado de forma completa em uma única aula. O ensino e aprendizagem ocorrem por meio de uma sequência de etapas: a definição de objetivos, conteúdos e atividades, em que a análise diagnóstica é necessária para um bom planejamento. A introdução de novos conteúdos, com base em um referencial teórico adequado; a consolidação do aprendizado, com a aplicação de exercícios e revisão; e a avaliação, para que o professor reflita sobre o alcance dos objetivos estabelecidos (Libâneo, 2013).

Durante o período que eu estive à frente da regência, tive liberdade de produzir o plano de aula sem seguir modelos prontos, pois a escola não limitava os professores em relação a isso. Dentre os planos de aula que desenvolvi, quero destacar aqui as disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática, que são ofertadas na maior parte dos dias da semana. A professora titular foi muito gentil, ao me emprestar os seus livros didáticos para eu realizar os planejamentos de minhas aulas, o que foi muito importante. Vale ressaltar a importância do professor receber o estagiário em sua sala de aula e confiar sua turma a ele. Contudo, estar à frente da sala de aula como

professora estagiária me apresentou alguns desafios, primeiro eles pareciam bem maiores à medida que eu conseguia transpô-los me sentia mais confiante.

Na aula de Língua Portuguesa, o foco foi a identificação dos sinais de pontuação, com ênfase no uso do travessão. Os alunos foram estimulados a compreender a atribuição desse sinal na leitura e na escrita de textos. Para tanto, eu planejei atividades para os alunos analisarem exemplos e identificarem como a pontuação pode contribuir para a clareza da comunicação. A leitura conjunta do texto "A Aposta", presente no livro didático, foi realizada com a participação de três alunos, um seria o narrador da história, e os outros dois interpretaram os personagens, para que assim, o exemplo fosse exposto de forma prática e visual aos demais colegas para facilitar o entendimento do tema. De acordo com Brandão (2023):

A forma que o professor conduz o conteúdo irá refletir na aprendizagem da criança e o domínio das marcas de pontuação só será visível dentro do texto quando o professor também propuser atividades para exercitar o conteúdo ensinado, com base no tema proposto, no tipo de gênero específico e com troca de conhecimento e questionamentos para a apreciação da leitura e escrita (Brandão, 2023, p.28).

Portanto, em seguida organizamos um diálogo sobre o conteúdo, no qual os alunos foram selecionados para compartilhar suas percepções sobre a história e retirar dúvidas sobre o texto, permitindo uma explanação mais detalhada de pontos que necessitasse de esclarecimento. O objetivo principal dessa aula foi possibilitar que identificassem o narrador e as falas dos personagens, com o uso do travessão, e perceber a importância dessa pontuação na contação de histórias, situação em que a pontuação foi empregada.

Assim, utilizei de forma prática a participação dos alunos durante a leitura do texto para que eles tivessem um maior envolvimento e entendimento da história, até chegarmos à temática a ser trabalhada: pontuação. De acordo com Vygotsky (1998), a interação constante entre aluno e professor é crucial para a aprendizagem, pois promove o desenvolvimento de habilidades cognitivas e sociais, possibilitando uma educação mais significativa. É de grande importância criarmos contextos e exemplos práticos que favoreçam a aprendizagem das crianças, antes de iniciar um novo conteúdo evitando que a criança se sinta alheia ao que foi ensinado anteriormente.

Posteriormente, foi realizada uma aula significativa de Matemática sobre gráficos de barras. Por ser um conteúdo novo e bastante visual, os alunos demonstraram grande entusiasmo e participação. O objetivo dessa aula foi organizar

dados em tabelas de dupla entrada e gráficos de barras, utilizando informações de diversas áreas do conhecimento, com ou sem o uso de tecnologia. A principal intenção foi familiarizar os alunos com os termos estatísticos. E para isso, iniciei a construção de um gráfico na lousa, onde foi preenchido com a coleta de dados diretamente das informações dos alunos na participação da aula.

Nos anos iniciais, o ensino de gráficos deve ser abordado de forma gradual e contextualizada, respeitando o desenvolvimento cognitivo das crianças. Piaget (1971) argumenta que, na fase concreta da inteligência (aproximadamente entre 7 e 11 anos), as crianças começam a lidar melhor com operações lógicas e abstrações simples, o que as torna mais aptas a entender representações gráficas. Durante esse estágio, o aprendizado de gráficos ajuda as crianças a estabelecerem conexões entre dados concretos e suas representações visuais, um processo essencial para a construção do raciocínio lógico.

Diante dessa proposta, o tema escolhido para o gráfico foi "Quais são os alimentos que os alunos do 4º ano mais gostam de consumir no lanche?", e a cada resposta, os dados eram registrados no quadro. Depois de coletar aproximadamente seis exemplos de alimentos, os alunos indicaram, em uma escala de 0 a 10, o quanto gostavam de determinado lanche ali exposto, possibilitando a construção do gráfico de barras. De acordo com Nunes (2011), a utilização de recursos visuais e dados concretos na Matemática facilita a compreensão de conceitos abstratos, tornando-os mais acessíveis e interessantes para os alunos. Após o entendimento dos alunos, criamos uma questão na lousa que consistia na análise de um gráfico de barras, dividido por três grupos de escolaridade (ensino fundamental, médio e superior) de uma instituição, discriminando os resultados entre homens e mulheres inseridos nesses níveis da educação.

A questão contava com alternativas a serem respondidas, por exemplo "quantas mulheres estão presentes no Ensino Superior?", "qual a diferença entre a quantidade de homens e a quantidade de mulheres no Ensino Médio?". Durante a correção, os alunos participaram ativamente, e a maioria obteve resultados corretos, devido à demonstração visual prévia feita na lousa. O objetivo dessa atividade foi mostrar a importância dos gráficos na organização e análise de dados divergentes. E a aprendizagem dessa nova temática foi concluída com sucesso.

A turma era bem diversificada, com muitas crianças dedicadas, gentis e carismáticas e se mostraram muito empolgadas com a presença de uma nova "tia",

termo utilizado com frequência pelas crianças. Desta forma, ao analisar o período que eu estive responsável pela regência das aulas avalio que os objetivos definidos em meu planejamento foram alcançados. Contudo, não posso deixar de destacar os pontos desafiadores percebidos durante o período de regência. Dentre eles, o espaço das salas por serem pequenas para a quantidade de alunos na turma, que em sua maioria acomodavam trinta alunos ou mais, o que gerou dificuldades de locomoção tanto das crianças quanto minha, e limitou a realização de algumas atividades em sala. Contudo, este problema é compensado pelo fato da escola dispor de espaços externos amplos e bem estruturados com a presença de quadra de esportes, pátio e área verde, onde podem ser desenvolvidas variadas atividades pedagógicas, tanto em área livre quanto em área coberta.

Em relação ao número de alunos na sala de aula, Mello (2006), afirma, a alta concentração de alunos em um único espaço pode limitar a atenção individualizada e o acompanhamento mais próximo que o professor poderia oferecer. Isso ocorre porque, em turmas grandes, o tempo disponível para interagir diretamente com cada aluno é reduzido, prejudicando um trabalho individualizado com as crianças e suas necessidades.

Outro ponto nítido no dia a dia da turma do 4º ano, foi a falta de participação dos pais nas atividades escolares, reuniões e acompanhamento do aluno na rotina de estudos em casa, que também se configurou como uma problemática, conforme apontado pela própria professora. A participação ativa dos pais é fundamental para o sucesso da aprendizagem dos alunos. No entanto, segundo Costa (2010), muitos pais de alunos da rede pública enfrentam dificuldades financeiras e precisam trabalhar em dois ou mais empregos, o que limita o tempo disponível para se envolver nas atividades escolares dos filhos, levando à diminuição do acompanhamento em casa.

Isso influencia também em outro ponto que observei, onde alguns alunos não traziam materiais escolares básicos, como lápis ou apontadores, e até mesmo o livro didático era esquecido em casa, o que os levava a pedir objetos emprestado aos colegas, e no caso do livro, ter que ficar em dupla. No armário da sala de aula também não havia esses materiais a disposição, fazendo com que fossem solicitados na coordenação.

A reflexão sobre as dificuldades e os sucessos vivenciados nesse processo é fundamental para o aprimoramento contínuo da minha prática pedagógica. Essa vivência no estágio supervisionado contribuiu diretamente para minha formação,

fortalecendo a minha capacidade de planejar, desenvolver e avaliar os resultados alcançados em cada aula, no desenvolvimento dos alunos como também minha prática pedagógica.

O processo de supervisão docente durante o estágio, por meio de debates e momentos de socialização na universidade com os demais colegas de estágio, possibilitou a troca de experiências, favorecendo o aprendizado colaborativo e a ampliação do repertório pedagógico. Além disso, permitiu a discussão entre teoria e prática de acordo com o que vivenciamos a cada dia de regência. Momento significativo em que aprendi sobre a organização da sala de aula, planejamento das atividades e avaliação da aprendizagem. A supervisão docente, também contribuiu para o fortalecimento de minha autonomia, as orientações ofereciam os feedbacks necessários para o desenvolvimento da regência. Vale ressaltar, também a contribuição do conhecimento adquirido nas outras disciplinas como subsídios para a minha prática docente, pois nem sempre o estagiário pode contar com a contribuição do professor titular.

Ao final dessa experiência, percebo que o aprendizado vai além do conteúdo trabalhado. Trata-se de um processo contínuo de aprimoramento profissional, que envolve não só a prática, mas a reflexão constante sobre o que deu certo e o que precisa ser ajustado. A formação docente é um caminho de constante evolução, e o estágio supervisionado é um momento crucial para consolidar e expandir o conhecimento adquirido ao longo da trajetória acadêmica.

3.3 Experiência em Educação Inclusiva: A atuação como Estágio

Dentre as experiências extracurriculares que vivi além da universidade, destaco um dos estágios de forma não obrigatória que realizei, o qual se configurou como minha primeira vivência prática em sala de aula, enquanto aluna do curso de Pedagogia. Em janeiro de 2019, motivada pela busca por experiência prática antes mesmo dos estágios obrigatórios da universidade e pela necessidade de uma fonte de renda, decidi iniciar minha trajetória profissional em escolas.

Fui convocada em uma rede educacional bem reconhecida – o Colégio Adventista, uma rede presente em mais de 150 países, com cerca de 8.632 unidades educacionais que abrangem desde a educação infantil até o ensino superior (Rede Adventista de Educação, 2023). No Brasil, a Rede conta com 331 escolas e 250.000 alunos.

A Lei nº 11.788/2008 estabelece que o estágio obrigatório deve ser integrado ao projeto pedagógico do curso, com a definição da carga horária necessária para a aprovação e consequente obtenção do diploma. Por outro lado, o estágio não obrigatório é caracterizado como uma atividade complementar e facultativa (BRASIL, 2008).

No contexto do estágio não obrigatório, essa modalidade também se caracteriza como uma atividade supervisionada, exigindo, no ambiente de trabalho, a presença de um profissional responsável pela orientação e acompanhamento do estagiário. Esse tipo de estágio pode ser remunerado e, frequentemente, não é computado na carga horária obrigatória do curso. Tal configuração permite analisar as práticas estabelecidas e as atividades desempenhadas pelos acadêmicos nas instituições que os contratam, revelando aspectos relevantes da relação entre formação acadêmica e experiência profissional. Conforme apontam Portelinha, Borssoi e Nez (2022):

O contrato restrito pelo período de dois anos e a rotatividade de estagiários nas escolas desqualificam tanto a formação inicial como o processo de trabalho e a valorização da carreira docente. Em relação às atividades realizadas, a categoria que sobressai é a de auxiliar. Ou seja, a tarefa de auxiliar o professor regente, conforme consta nas atribuições do estágio. No entanto, chama a atenção a inserção de estudantes no acompanhamento de alunos com necessidades especiais - transtorno do espectro autista/dificuldades de aprendizagem (Portelinha; Borssoi; Nez, 2022, p. 728).

Exerci meu trabalho em uma instituição que dá grande atenção à educação especial, e minha função consistia em acompanhar alunos diagnosticados com necessidades educacionais específicas, por meio de um atendimento individualizado. De acordo com o Ministério da Educação (Brasil, 2008), a educação inclusiva deve garantir que todos os alunos, independentemente de suas condições, tenham direito à aprendizagem de qualidade. Em cada sala de aula com alunos diagnosticados, havia um auxiliar para apoiar o estudante nas atividades e no processo de aprendizagem. Nesse contexto, o auxílio especializado desempenha uma função estratégica para a promoção da inclusão escolar, ajustando-se às necessidades individuais de cada aluno.

Durante o estágio, minha vivência como professora estagiária foi na turma do 4º ano do Ensino Fundamental, com aproximadamente 25 alunos, e a professora titular era novata, embora já tivesse experiência em outra instituição adventista. Com o objetivo de garantir a privacidade e a confidencialidade, os nomes a seguir foram

alterados para nomes fictícios. Meu objetivo principal era acompanhar João, um aluno de 8 anos diagnosticado com Transtorno do Espectro Autista (TEA), nível 1. Desde o início, percebi que João possuía grande habilidade em leitura e escrita, embora se mostrasse um pouco tímido com minha presença inicial. Contudo, após poucos dias, estabelecemos uma relação de confiança.

Acompanhando-o de perto, meu trabalho consistia em ajudá-lo a compreender as aulas, sentando-me ao seu lado durante as explicações da professora. João demonstrava grande agilidade nas atividades do livro didático, com exceção da disciplina de Matemática, na qual era necessário apresentar os conceitos de forma mais detalhada e visual para que ele pudesse assimilá-los adequadamente. Segundo Souza (2008), alunos com TEA frequentemente apresentam diferentes formas de processamento de informações, sendo essencial a adaptação metodológica para garantir a compreensão. João interagia normalmente com seus colegas de classe, tanto durante as aulas quanto nos intervalos, e, além de minha ajuda, a escola contava com uma psicopedagoga e uma sala de recursos pedagógicos.

João realizava as mesmas atividades que os outros alunos, mas devido ao seu diagnóstico, ele tinha direito a um acompanhamento especializado tanto por mim quanto pela psicopedagoga da escola. Todos os alunos com deficiência e diagnosticados com necessidades educacionais especiais eram acompanhados por ela, que adaptava as avaliações de acordo com as necessidades individuais, conforme preconizado pela legislação educacional (Brasil, 2011). Em relação à rotina escolar, a mãe de João, psicóloga, tinha uma participação ativa no acompanhamento da educação do filho, mantendo-se sempre informada sobre o seu desempenho e comportamento em sala de aula.

A rotina, para muitos indivíduos no espectro autista, oferece um ambiente previsível e seguro, essencial para o desenvolvimento de suas habilidades e para a redução da ansiedade, frequentemente associada à imprevisibilidade. Vygotsky (2007) enfatiza que a interação com o ambiente, mediada por um adulto ou educador, é fundamental para o desenvolvimento das funções cognitivas. Nesse sentido, uma rotina bem estruturada proporciona ao aluno com TEA não só um senso de segurança, mas sim um meio mais eficaz de se engajar nas atividades de aprendizagem.

A dedicação à rotina estruturada também envolve uma colaboração constante entre a escola e a família, como observamos no caso de João, cujos pais, especialmente sua mãe psicóloga, estavam sempre envolvidos no processo

educativo. Essa parceria, como apontado por Santos (2010), é vital para garantir que o aluno tenha um suporte contínuo, tanto dentro da escola quanto em casa, promovendo uma aprendizagem mais fluida e eficaz. Dessa forma, a organização e o comprometimento com uma rotina adaptada não só facilitam a adaptação do aluno ao ambiente escolar, mas favorecem o desenvolvimento de sua autonomia e confiança.

Diariamente, mantinha contato com a família de João, seja de forma presencial ou por meio de mensagens, compartilhando detalhes sobre seu desempenho, atividades realizadas e eventuais alterações de comportamento. Segundo Mantoan (2003), a inclusão escolar requer uma abordagem que ultrapasse os limites da sala de aula, envolvendo a participação ativa da família no processo educativo. A autora destaca que o diálogo frequente entre professores e familiares permite a construção de estratégias pedagógicas mais eficazes, adaptadas às necessidades específicas do aluno. Essa parceria favorece não apenas o desenvolvimento acadêmico, mas também a socialização e a autoestima da criança.

O feedback constante da família foi essencial para o meu trabalho e para a adaptação contínua das minhas estratégias de ensino. Esse acompanhamento próximo me permitiu perceber o impacto positivo da colaboração entre escola e família no processo de aprendizagem de alunos com necessidades especiais ou deficiências.

Essa experiência foi determinante para meu interesse em seguir uma carreira focada na educação especial e no atendimento à alunos na área da psicopedagogia, ampliando minha visão sobre o envolvimento do pedagogo no contexto educacional. A convivência diária com esse aluno me proporcionou uma compreensão mais aprofundada das demandas e desafios enfrentados por esses estudantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao revisitar o percurso da minha formação escolar e acadêmica, é possível afirmar que as experiências mais significativas e transformadoras ocorreram com a minha inclusão no Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). À luz das análises e reflexões realizadas, constata-se a relevância dos Estágios Curriculares Supervisionados para a minha formação docente, uma vez que possibilitam ao acadêmico vivenciar experiências práticas no ambiente escolar, integrando a rotina e a organização da escola com as teorias e formações indispensáveis para sua capacitação profissional.

No processo de escrita do memorial formativo, revisei minha história acadêmica e pessoal, pude resgatar experiências significativas, reconhecer desafios e entender como esses momentos contribuíram para o meu crescimento tanto no plano pessoal quanto profissional a partir de ressignificações. Desta forma, pude perceber que o memorial como um dispositivo pedagógico, vai além de uma simples narração de fatos passados de minha vida. Trata-se de um exercício de autoconhecimento e de análise das experiências vivenciadas, como parte do processo de formação acadêmica e profissional. O memorial, ao estabelecer essa reflexão, se torna um elo entre a teoria aprendida durante o curso e a prática vivenciada ao longo da formação.

Na minha trajetória escolar e acadêmica, ao refletir sobre minhas memórias percebi os desafios enfrentados e as aprendizagens adquiridas a partir destas vivências. Cada etapa da minha formação contribuiu para a construção de uma identidade profissional mais sólida, reforçando a importância de momentos de aprendizado contínuo. O processo de reflexão sobre essas memórias foi essencial para reconhecer o valor de cada experiência, seja ela positiva ou desafiadora.

Desta forma o estágio me possibilitou ressignificar as experiências vivenciadas durante minha infância e minha escolarização. Em minha formação acadêmica vivenciei a realidade da escola como um todo e como professora estagiária subsidiar minha prática pedagógica a partir da fundamentação teórica dos estágios supervisionados e das outras disciplinas que compuseram o currículo do Curso de Pedagogia. Desta forma, a experiência na docência dos Anos Iniciais representou desafios, mas também superações em uma relação teoria e prática e se tornar fontes de aprendizado e fortalecimento.

A minha vida acadêmica não está desassociada de minha vida pessoal, assim precisei lidar com o luto pelo falecimento de um importante familiar no início da minha graduação e estive presente nos momentos iniciais dessa jornada. Vivenciar o luto foi extremamente desafiador, mas também me proporcionou forças para seguir em frente, honrando a memória de alguém que sempre me incentivou ao longo da minha trajetória escolar desde a infância.

O educador frequentemente se depara com alunos que enfrentam dificuldades semelhantes às suas próprias. Nesse contexto, a experiência pessoal, ao invés de constituir um obstáculo, torna-se uma ferramenta importante para a compreensão das angústias e desafios vivenciados pelos outros, possibilitando a promoção de um ensino mais humanizado e atento às necessidades individuais dos alunos.

Por fim, o estágio supervisionado desempenhou uma contribuição fundamental na minha formação. A experiência prática proporcionada foi decisiva para a consolidação dos conhecimentos adquiridos na teoria e para a compreensão da realidade da sala de aula. A escrita do memorial possibilitou uma análise sobre o meu processo formativo e para o meu desenvolvimento pessoal e profissional como pedagoga.

REFERÊNCIAS

BERNARDES, Maria Irene Miranda. **Memorial Acadêmico: Trajetórias, histórias e aprendizagens**. 2021. 53 f. Memorial Descritivo (Faculdade de Educação) - Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2021. Disponível em: <<https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/31765>>. Acesso em: 20 de maio de 2024.

BARBOSA, Tatyana Mabel Nobre Barbosa; PASSEGI, Maria da Conceição, (Org) **Memórias, memoriais: pesquisa e formação docente**. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008. 286p.

BRANDÃO, Bruna Lays Alencar. **A importância do ensino da pontuação nas séries iniciais: fundamentos para a compreensão e expressão escrita**. Maceió, AL: UFAL, 2023. Disponível em: <https://www.repositorio.ufal.br/bitstream/123456789/13425/1/A%20import%C3%A2ncia%20do%20ensino%20da%20pontua%C3%A7%C3%A3o%20nas%20s%C3%A9ries%20iniciais_fundamentos%20para%20a%20compreens%C3%A3o%20e%20express%C3%A3o%20escrita.pdf>. Acesso em: 20 de novembro de 2024.

BRASIL. **Decreto nº 87.497, de 18 de agosto de 1982**. Regulamenta a Lei nº 6.494, de 7 de dezembro de 1977, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 18 ago. 1982. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d87497.htm#:~:text=DECRETO%20n%C2%87.497%2C%20DE%2018%20DE%20AGOSTO%20DE%201982&text=Regulamenta%20a%20Lei%20n%C2%87.494,especifica%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%Aancias.>. Acesso em: 02 de dezembro de 2024.

BRASIL. **Lei nº 6.494, de 7 de dezembro de 1977**. Dispõe sobre os estágios de estudantes de estabelecimentos de ensino superior e de ensino profissional de 2º grau e supletivo. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 7 dez. 1977. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=208429&filename=LegislacaoCitada%20PL%203267/2004>. Acesso em: 02 de dezembro de 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)**. Brasília: MEC, 1996. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2025.

BRASIL, Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Conselho Pleno. **Resolução nº 02/CP/CNE/2015**. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada. Brasília: CP/CNE/MEC, 2015. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/docman/agosto-2017-pdf/70431-res-cne-cp-002-03072015-pdf/file>>. Acesso em: 02 de dezembro de 2024.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC, 2008. Disponível em:

<<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducaspecial.pdf>>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2025.

CARVALHO, Luiz Marcelo de; DIAS-DA-SILVA, Maria Helena G. Fren; PENTEADO, Miriam Godoy; TANURI, Leonor Maria; LEITE, Yoshie Ussami Ferrari e NARDI, Roberto. **Pensando a licenciatura na UNESP. Nuances: estudos sobre educação**, Presidente Prudente, ano 9, n.9/10, p. 211-232, 2003. Disponível em: <<https://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/405>>. Acesso em: 10 de novembro de 2024.

CORDEIRO, Verbena Maria Rocha; SOUZA, Elizeu Clementino de. **Memoriais, literatura e práticas culturais de leitura**. Edufba, 2010. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/19048/1/Memoriais,%20literatura.pdf>>. Acesso em: 15 de maio de 2024.

COSTA, Maria de Lourdes. **A participação da família na educação: desafios e perspectivas**. São Paulo: Editora Cortez, 2010.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 30. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

JOSSO, Marie-Christine, **Experiências de vida e formação**. Lisboa: EDUCA, 2002.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 19, p. 20-28, jan./fev./mar./abr. 2002. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 24 de maio de 2024.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 2. ed São Paulo: Cortez Editora, 2013.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003. Disponível em: <<https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/211/o/INCLUS%C3%83O-ESCOLARMaria-Teresa-Egl%C3%A9r-Mantoan-Inclus%C3%A3o-Escolar.pdf>>. Acesso em: 11 de fevereiro de 2025.

MELLO, Maria do Carmo de. **A educação básica no Brasil: desafios da qualidade e da equidade**. São Paulo: Editora da UNESP, 2006.

MOURA, Jonata Ferreira de. **Docentes da Educação Infantil rememorando suas infâncias: o perigo da idealização do que seja ser criança**. *Olhar de Professor*, [S. l.], v. 23, p. 1–14, 2019. DOI: 10.5212/OlharProfr.v.23.2020.14899.209209225408.0427. Disponível em: <<https://revistas.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/14899>>. Acesso em: 27 de maio de 2024.

NUNES, Maria. **Matemática: Ensino e aprendizagem no contexto escolar**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.

PASSEGGI, Maria da Conceição. **A experiência em formação.** *Educação*, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 147- 156, maio/ago. 2011. Disponível em:<<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/download/8697/6351>>. Acesso em: 19 de maio de 2024.

PASSEGGI, Maria da Conceição. **Memoriais: injunção institucional e sedução autobiográfica** In: PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino (Orgs.). (Auto) biografia: formação, territórios e saberes. Natal: Editora da UFRN, 2008, p.103-131.

PASSEGGI, Maria da Conceição. **As duas faces do memorial acadêmico.** *Odisseia*, Natal, v. 9, n. 13-14, p. 65-75, 2006. Disponível em:<<https://pt.scribd.com/document/399256028/772460-As-Duas-Faces-Do-Memorial-Academico>>. Acesso em: 19 de maio de 2024.

PASSEGGI, Maria da Conceição. **Narrar é humano! Autobiografar é um processo civilizatório.** In: **Invenções de vidas, compreensão de itinerários e alternativas de formação.** Maria da Conceição Passeggi; Vivian Batista da Silva (orgs.). São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

PIAGET, Jean. **A psicologia da criança.** São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PIAGET, Jean. **A psicologia da criança.** Tradução de José Carlos Moreira. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1971.

PIAGET, Jean. **O nascimento da inteligência na criança.** 4ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Sílvia. **Estágio e Docência.** Revisão técnica José Cerchi Fusari, 5º ed. São Paulo: Cortez, 2010. – (Coleção docência em formação. Séries saberes pedagógicos).

PILLAR, Analice Dutra, et al. **Pesquisa em artes plásticas: a leitura da imagem.** Porto Alegre: Ed.Universidade/UFRGS/ Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (ANPAP),1993. Disponível em:<<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/261854/000045273.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2025.

PORTELINHA, Angela Maria Silveira; BORSSOI, Berenice Lurdes; NEZ, Egeslaine de. **O estágio remunerado no curso de pedagogia: experiência com o trabalho docente.** *Revista Eletrônica Científica Ensino Interdisciplinar*. Mossoró, v. 8, n. 27, 2022. Disponível em:<<https://periodicos.apps.uern.br/index.php/RECEI/article/view/4220/3335>>. Acesso em: 11 de fevereiro de 2025.

PRADO, Guilherme do Val Toledo; SOLIGO, Rosaura. **Memorial de Formação: quando as memórias narram a história da formação.** Disponível em:<https://www.academia.edu/1861809/Memorial_de_formação_quando_as_memórias_narram_a_história_da_formação>. Acesso em: 22 de maio de 2024.

SCALABRIN, Izabel Cristina; MOLINARI, Adriana Maria Corder. **A importância da prática do estágio supervisionado nas licenciaturas.** *Revista unar*, v. 7, n. 1, p. 1-12, 2013. Disponível em:

<http://revistaunar.com.br/cientifica/documentos/vol7_n1_2013/3_a_importancia_da_pratica_estagio.pdf>. Acesso em: 10 de novembro de 2024.

SILVA, Edvânia dos Santos; SANTOS, Stefanny Alves dos; JESUS, Vanessa Matias de. **O Desenvolvimento Cognitivo Infantil sob a ótica de Jean Piaget**. Sergipe, Faculdade São Luís de França. Grupo Tiradentes, Aracajú, 2016. Disponível em:<<https://www.passeidireto.com/arquivo/86115655/o-desenvolvimento-cognitivo-infantil-sob-a-otica-de-jean-piaget>>. Acesso em: 10 de junho de 2024.

SILVA, Silvio Rutz da. ANDRADE, André Vitor Chaves. BRINATI, André Maurício. **Ensino Remoto Emergencial**. Ponta Grossa, PR: Ed. Dos Autores, 2020. Disponível em:<http://www1.fisica.org.br/mnpef/sites/default/files/anexosnoticia/EnsinoRemotoEmergencial_SilvaAndradeBrinatti.pdf>. Acesso em: 20 de janeiro de 2025.

SOUZA, Maria de. **O ensino da matemática para alunos com TEA: práticas pedagógicas e adaptações curriculares**. Rio de Janeiro: Editora Educacional, 2008.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2007.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ZEN, Giovana Cristina; CARVALHO, Maria Inez Silva Souza; SÁ, Maria Roseli Gomes Brito. **Reflexões sobre as relações entre formação e experiência**. Revista Faculdade de Educação (Universidade do Estado do Mato Grosso). V.30. n. 2. Jul.dez.2018. Disponível em:<<https://periodicos.unemat.br/ppgedu/article/view>>. Acesso em: 15 de junho de 2024.